

A importância do processo de formação de leitores para o campo da comunicação social

Ivana Barreto

Professora adjunta da PUC-Rio e professora titular da Universidade Estácio de Sá. Graduada em Jornalismo pela PUC-RJ; Pós-graduada em Literatura Brasileira pela UERJ; Mestre em Literatura Brasileira pela UFRJ; Doutora em Literatura Brasileira pela PUC-RJ. E-mail: ivanabarreto@superig.com.br

Resumo

Uma reflexão sobre a necessidade do incremento dos investimentos no processo de formação dos leitores, já que atualmente os grandes grupos editoriais europeus e norte-americanos vêm demonstrando maior interesse pelo mercado editorial brasileiro, é a proposta desse texto. Essa reflexão surge quando a realidade do dia-a-dia da prática docente, no que diz respeito especificamente ao ensino superior do curso de comunicação social, revela que muitas faculdades têm, algumas vezes, um trabalho árduo pela frente, no sentido de formar profissionais de jornalismo, publicidade, relações públicas e cinema – com textos de qualidade – considerando que, no contexto brasileiro, o aluno – desde o processo de alfabetização – apresenta deficiências, muitas vezes não solucionadas, de leitura e interpretação de textos.

Palavras-chave: Formação de leitores; comunicação social; qualidade textual.

Abstract

A reflection on the need to increase investment in the process of training of readers, since currently the major editorial European and U.S. are showing greater interest in the Brazilian market editorial, is the proposal of the text. This reflection is where the reality of day-to-day practice of teaching, specifically with regard to higher education course in the media, shows that many colleges have, sometimes, hard work ahead in order to train professionals - of journalism, advertising, public relations and film - with texts of quality - whereas, in the Brazilian context, the student - from the process of literacy – flaws reading and interpretation of texts, often not resolved.

Keywords: Readers formation; social communication; textual quality.

No contexto atual, em que os grandes grupos editoriais europeus e norte-americanos começam a mostrar maior interesse pelo mercado editorial brasileiro, é inadiável um questionamento: por que não aumentar, efetivamente, os investimentos no processo de formação de leitores? Afinal, os reflexos da indevida importância dispensada à leitura no Brasil são verificados no dia-a-dia da prática docente, no que diz respeito especificamente a este estudo, no ensino superior. E o problema se torna ainda mais grave quando esta prática está voltada para o campo da Comunicação Social. Como as faculdades podem formar profissionais – de jornalismo, publicidade, relações públicas e cinema – com textos de qualidade, prontos para serem veiculados se, no país, o aluno, desde o processo de alfabetização, apresenta deficiências, muitas vezes não solucionadas, de leitura e interpretação de textos?

Não é raro, em sala de aula, os docentes se depararem com textos sem qualidade, tanto no que diz respeito à forma quanto ao conteúdo. Muitos deles deixam a desejar, especialmente em aspectos como coesão, coerência, clareza e objetividade, requisitos básicos à boa prática textual. Outro fato que merece ser destacado é a dificuldade apresentada por muitos alunos diante de textos teóricos, que exigem boa prática de leitura. Assim, é comum os docentes das disciplinas teóricas encontrarem resistência por parte de suas turmas quando solicitam leitura e análise dos teóricos da Comunicação e áreas afins. Contudo, a mesma resistência aparece quando são solicitadas leituras de autores clássicos do campo da Comunicação, voltados em suas análises para as técnicas de apuração e redação de textos. E o que é ainda mais preocupante: existe resistência, também, no que se refere à leitura de periódicos, ferramentas básicas à formação e à prática diária do profissional de Comunicação.

Desse modo, pouco contribui apresentar os mais complexos esquemas teóricos e mesmo leituras mais voltadas para a área prática, se muitos alunos apresentam dificuldades de leitura e interpretação de textos.

Para iniciar a discussão proposta por esse texto, é fundamental ressaltar que, para formar um leitor, é imprescindível que se estabeleça uma espécie de comunhão entre a pessoa que lê e o texto. Comunhão baseada na identificação entre o receptor e o texto, no prazer, no interesse e na liberdade de interpretação. Aqui, aproveitamos as contribuições de Roland Barthes, para quem o texto é uma textura, uma tecelagem artesanal, trabalhada pelo autor e pelo leitor, em que estes irão encontrar o prazer no texto, sendo função do leitor atribuir o sentido àquilo que lê. Se considerarmos a leitura como processo de conhecimento, ela pode, conseqüentemente, proporcionar diversão ou simplesmente ser imposta para aquele que lê. Em *O prazer do texto*, ele destaca que um texto pode “elaborar um espaço de puro prazer e criar caminhos para a arte do diálogo, no qual o desejo é o ponto de partida para que o leitor desfrute do que lhe é oferecido pelo autor”. (Barthes, 2004: p.9)

Dentre os vários sentidos com que é tomada a leitura, seria interessante distinguir o da sua inserção escolar. Esta inserção poderá aparecer vinculada à alfabetização (aprender a ler e a escrever), ato de decodificar o signo lingüístico e a leitura adquirir assim o caráter de “estrita aprendizagem formal”, segundo Orlandi, em *Discurso e Leitura*; ou pensar a leitura como um processo de instauração de sentidos também inserido pela escola na formação do leitor.

Apesar de muitos disseminarem a idéia de que no ambiente escolar todos devem ser considerados educadores, o trabalho (árduo!) de introduzir a leitura no universo do aluno é do professor, conforme ressaltado por Ezequiel Silva:

Quando falo de escolas, remeto-me especificamente ao trabalho dos professores, como fundamentado em concepções de mundo e em preparação técnica para a prática do ensino da leitura. (Silva, 2003: p.109).

E agora, então, cabe a pergunta: o que seria a leitura? Recorremos mais uma vez, nesse momento da reflexão, à Barthes, que, em meados da década de 80, afirmava que a palavra leitura remete para um conjunto de práticas difusas; sempre considerando a leitura como processo que implica em apreensão, interesse, percepção, aprendizagem, sensibilidade e produção de sentido. Esta última, convém frisar, é histórica e intangível, pois se dá conforme o repertório de experiência de cada indivíduo, de suas leituras. Consequentemente, o sentido nunca está pronto, mas é algo construído. A partir das considerações da Análise do Discurso:

... a leitura é o momento crítico da constituição do texto, pois é o momento privilegiado do processo da interação verbal: aquele em que os interlocutores, ao se identificarem como interlocutores, desencadeiam o processo de significação. Assim, o texto não resulta da soma de frases, nem da soma de interlocutores: o(s) sentido(s) de um texto resulta(m) de uma situação discursiva, margem de enunciados efetivamente realizados. (Orlandi, 1996: p.193-194)

Voltando ao papel dos docentes no processo da leitura, e pensando no sistema educacional brasileiro, constatamos o incontestável papel que o livro didático ainda exerce, um tema bastante discutido por inúmeros estudiosos. Por um lado, alguns defendem seu uso por considerar ser ele o único material acessível ao aluno e ao professor. Por outro, outros condenam, por justificarem que o livro didático tornou-se o único instrumento de leitura e pesquisa, tornando inviável, desse modo, a formação do leitor. Segundo Bárbara Freitag, em *O livro didático em questão*:

O livro didático não funciona em sala de aula como um instrumento auxiliar para conduzir o processo de ensino e transmissão do conhecimento, mas como o modelo-padrão, a autoridade absoluta, o critério último de verdade. Neste sentido, os livros parecem estar modelando os professores. O conteúdo ideológico do livro é absorvido pelo professor e repassado ao aluno de forma acrítica e não distanciada. (Freitag, 1997: p.111)

Para ampliar a questão envolvendo a importância da leitura para a formação dos futuros profissionais da Comunicação, é conveniente voltar atenções para a inserção do texto jornalístico na escola de Ensino Médio, implicando na compreensão intertextual e crítica desse mesmo texto. Esse citado processo deve ser entendido, na verdade, como uma prática social, produtora de sentidos. Por isso, ressaltamos, a leitura do texto jornalístico torna-se imprescindível para formação do leitor crítico, capaz de entender e atuar no seu meio social, a partir, é claro, da formação de opiniões e do desenvolvimento da capacidade de reflexão crítica. Por fim, é oportuno lembrar que a leitura eficiente do jornal necessita ser subsidiada por um referencial teórico (bem-vindos os teóricos da Comunicação!). O que não há dúvida é da importância do jornal como instrumento didático na sala de aula, além de sua contribuição na formação continuada de professores. Afinal, os próprios teóricos destacam que a utilização do jornal é capaz de transformar a sala de aula em espaço de discussão da vida diária.

Voltando a discussão para o problema mais geral da falta de hábito de ler, ela começa nas primeiras séries do primeiro grau, sendo decorrente dos textos utilizados, muitas vezes distantes dos problemas da realidade, desmotivando os alunos. No mercado, não são poucos os livros didáticos sem embasamento filosófico e teórico. Quanto às leituras oferecidas aos alunos de segundo grau, se voltam mais para o conservadorismo, na maioria dos casos.

Finalmente, importa destacar alguns aspectos relativos ao mercado editorial brasileiro, mesmo considerando o já citado interesse que grandes grupos editoriais europeus e norte-americanos começam a mostrar por esse mercado. Segundo os economistas Fábio Sá Earp e George Kornis, que desenvolveram, entre março e novembro de 2004, pesquisa sobre a economia do livro, encomendada pelo BNDES, o livro brasileiro é muito barato, se pensarmos em termos de mercado internacional. O que dificulta, no caso brasileiro, é o baixo poder aquisitivo do brasileiro médio. Apenas para ilustrar, o livro produzido no Brasil custa um quinto do livro produzido nos EUA, sem esquecer que a renda, aqui, é menos de um quinto menor do que a dos norte-americanos, além de muito concentrada e mal-distribuída. Obviamente, se apontamos, no início desse texto, para a necessidade de um maior investimento no processo de formação dos leitores, também se torna necessário investir, de forma cada vez mais efetiva, no mercado editorial.

A pesquisa de mercado *A Produção e Vendas do Setor Editorial Brasileiro*, patrocinada pela Câmara Brasileira do Livro (CBL) e pelo Sindicato Nacional dos Editores de Livros (SNEL), realizada anualmente, oferece dados importantes sobre a quantidade de títulos e exemplares produzidos no Brasil, bem como sobre a anterior:

Ano	PRODUÇÃO (1º edição e reedição)		VENDAS	
	Títulos	Exemplares	Exemplares	Faturamento (R\$)
1990	22.479	239.392.000	212.206.449	901.503.687
1991	28.450	303.492.000	289.957.634	871.640.216
1992	27.561	189.892.128	159.678.277	803.271.282
1993	33.509	222.522.318	277.619.986	930.959.670
1994	38.253	245.986.312	267.004.691	1.261.373.858
1995	40.503	330.834.320	374.626.262	1.857.377.029
1996	43.315	376.747.137	389.151.085	1.896.211.487
1997	51.460	381.870.374	348.152.034	1.845.467.967
1998	49.746	369.186.474	410.334.641	2.083.338.907
1999	43.697	295.442.356	289.679.546	1.817.826.339
2000	45.111	329.519.650	334.235.160	2.060.386.759
2001	40.900	331.100.000	299.400.000	2.267.000.000
2002	39.800	338.700.000	320.600.000	2.181.000.000
2003	35.590	299.400.000	255.830.000	2.363.580.000
2004	34.858	320.094.027	288.675.136	2.477.031.850
2005	41.528	306.463.687	270.386.729	2.572.534.074
2006	46.026	320.636.824	310.374.033	2.880.450.427

A observação dos números que indicam a evolução do setor, no período de 16 anos, demonstra que o mercado editorial brasileiro tem crescido pouco, se comparado ao seu potencial, especialmente se for tomado como parâmetro o potencial número de leitores do País. Como mencionado no início desse texto: mais investimentos, na formação dos leitores, mais investimentos no mercado.

Aqui, cabe uma ressalva: o mercado editorial brasileiro, embora tenha atravessado, na década de 90, alguns períodos de relativa “euforia”, em geral não apresenta evoluções significativas, apesar do interesse de investidores de fora, como já dito.

Os dados da última pesquisa sobre a economia do livro no Brasil, encomendada por Carlos Lessa, quando ainda era presidente do BNDES, e desenvolvida pelos economistas Fábio Sá Earp e George Kornis entre março e novembro de 2004, revelam que a indústria editorial está em crise. A pesquisa foi estruturada em torno de três relatórios. O primeiro, uma análise da situação do livro hoje no Brasil, realizado a partir dos dados fornecidos pela CBL. No segundo, foi realizado um levantamento das políticas de fomento ao livro praticadas no mun-

do, da produção à comercialização. Finalmente, o terceiro relatório relaciona as propostas para o BNDES.

As vendas de livros, desde o Plano Real, caíram pela metade. Ao mesmo tempo que as editoras se multiplicam, livrarias são fechadas, totalizando, estas, 1.400 livrarias em todo o País (dados de 2004), metade do número de editoras. Para agravar a situação, a fusão e as aquisições de algumas empresas editoriais revelam que o segmento gráfico-editorial foi fortemente concentrado e desnacionalizado nos últimos três anos. A novidade do atual estudo diz respeito às sugestões dos economistas para tentar reverter este quadro. Dessa vez, além da já tão comentada necessidade de investimento em bibliotecas, sobretudo universitárias, vem a sugestão da instituição do vale-livro. Com este instrumento, que beneficiaria alunos de baixa renda, ocorreria o barateamento do preço final dos livros técnico-científicos, aumentando a escala de produção com subsídios e com a taxação de equipamentos utilizados na pirataria, como as máquinas de fotocópia. Do total das 13 propostas apresentadas ao final da pesquisa, seis referem-se exclusivamente à conduta do banco e os economistas, por uma questão de sigilo profissional, não puderam detalhar. Contudo, grosso modo, adiantaram que o BNDES estuda a oferta de um crédito para as editoras, provavelmente para a compra de papel e outros ajustes.

24

No que concerne às demais sete propostas, destaca-se o destino às bibliotecas do mesmo valor que o governo gasta com a compra de livros didáticos para os alunos: R\$ 450 milhões por ano. A vantagem de uma biblioteca universitária seria a de atuar em todos os mercados, com exceção do religioso. Os economistas sugerem, também, a criação de vale-livros, além do vale-transporte e do vale-refeição, que seriam oferecidos para estudantes de baixa renda nas universidades. O programa inicial beneficiaria 60 mil estudantes. Destes, 20 mil na área de humanas, 20 mil na área técnico-científica, e outros 20 mil na área de ciências da saúde. Segundo enfatiza o relatório, é fundamental baratear o livro, aumentando a escala de produção. Hoje, o governo gasta R\$ 450 milhões comprando livros para estudantes pobres. O relatório propõe que outros R\$ 450 milhões sejam direcionados para as bibliotecas. E mais R\$ 250 milhões para outros programas, o que implicaria em aumentar a despesa com a compra de livros de R\$ 450 milhões para R\$ 1,1 bilhão. O dinheiro viria do Orçamento da União e do imposto vinculado.

Segundo os economistas responsáveis pelo estudo do BNDES, o livro brasileiro é muito barato se o parâmetro for mercado internacional. O problema está justamente no bolso brasileiro médio. O livro produzido no Brasil custa um quinto do livro produzido nos EUA, por exemplo, porém, a renda do brasileiro é menos que um quinto menor do que a do americano, além de ser muito concentrada e mal-distribuída. O preço médio pago à editora no Brasil varia entre US\$ 1 e US\$ 3.

Diante de todas as dificuldades que o escritor enfrenta para sobreviver num mercado editorial como o nosso, com tantas barreiras, e uma vez que não pode escapar da realidade econômica e das suas interferências sobre a atividade que realiza, ele precisa ficar atento a três perigos, se pretender fazer parte efetivamente deste mercado, que é o mercado do consumo, o mercado insaciável, das leis implacáveis: a perda da sua identidade ou do seu papel social; a ameaça de que a mercadoria produzida seja apressada e descosida, enfim, mal-elaborada; a possibilidade de se profissionalizar sem conhecer devidamente seu ofício. Por isso, antes mesmo da manifestação da crítica, cabe ao escritor fazer a sua auto-análise, assim como a análise da sua obra. Em suma, tornar-se um escritor, em certo sentido, profissional, sem esquecer o compromisso com a palavra e o compromisso político. Neste sentido, deve o escritor ter uma preocupação constante com a elaboração artística.

Referências Bibliográficas

BARTHES, Roland. *O prazer do texto*. São Paulo: Perspectiva, 2004.

EARP, Fábio Sá & KORNIS, George. *Economia do Livro - A Crise Atual e uma Proposta de Política*. Rio de Janeiro: BNDES, 2004.

FREIRE, Paulo. *A importância do ato de ler*. 10 ed. São Paulo: Autores Associados Cortez, 1985.

_____. *Pedagogia do oprimido*. 6. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

FREITAG, B., COSTA, W.F, MOTTA, V.R.. *O Livro Didático em Questão*. São Paulo: Cortez, 1997, p.111.

GONTIJO, Antônio Tadeu de Sousa. A importância da leitura na escola de ensino médio: Um diferencial de crescimento e enriquecimento cultural, social, intelectual na formação do cidadão no mundo globalizado. *Jus Navigandi*, Teresina, ano 10, n. 941, 30 jan. 2006. Disponível em: <http://jus2.uol.com.br/doutrina/texto.asp?id=7898>. Acesso em: 31 mar. 2008.

LAJOLO, Marisa. *Leitura em crise na escola*, Porto Alegre: Mercado Aberto, 1987.

MANGEL, Alberto. *Uma história da leitura*. São Paulo: Cia das Letras, 1997.

MARTINS, Maria Helena. *O que é leitura*. 16. ed. São Paulo: Brasiliense, 1982. (Série Primeiros Passos).

ORLANDI, Eni P. *A Linguagem e seu Funcionamento*. As Formas do Discurso. Campinas, SP: Pontes, 1996, p.193-194.

_____ *Discurso & Leitura*. São Paulo: Cortez, 2001.

SILVA, Ezequiel T. da. *Leitura na Escola e na Biblioteca*. (8ª ed) Campinas, SP: Papyrus, p.109, 2003.

_____ *Uma Reflexão sobre o Ato de Ler*. Tese de Doutorado, PUC-SP, 1981.